



Sua benção, mãe do Brasil!

COM AXÉ E COM SAUDADE, CLEMENTINO JUNIOR, UM DOS MAIS PROLÍFICOS DIRETORES DO RIO DE JANEIRO, **FAZ DO DOCUMENTÁRIO ‘AMOR E FÉ – CHICA XAVIER’** UMA **CARTA DE AMOR À SUA FIGURA MATERNA** E À DIVA QUE, NA DOÇURA E NO TALENTO, **FEZ DA ARTE SEU TERREIRO PARA CELEBRAR A LUTA DECOLONIAL DO BRASIL.** O CORREIO DA MANHÃ MERGULHA NESSA SAUDADE NA PÁGINA 2

ENTREVISTA | CLEMENTINO JUNIOR

CINEASTA

‘Meus filmes são minhas pegadas neste plano’

Claudia Belle/Divulgação

Quanto e que Brasis cabem na figura de Chica Xavier e de que maneira fazer um filme sobre ela é desbravar esses locais?

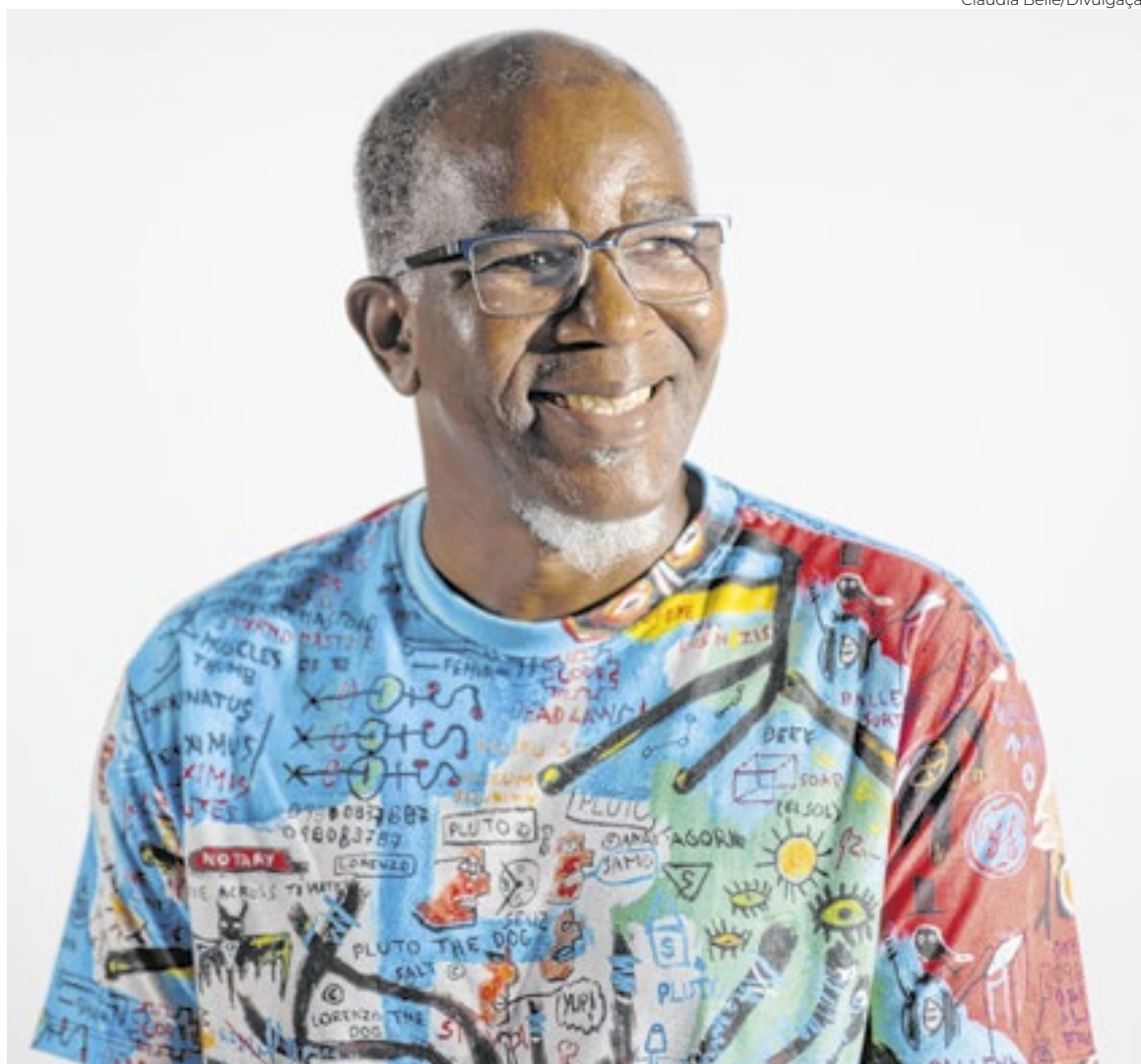
Clementino Junior - Durante o processo de produção do documentário, com roteiro de Bruna Christine, sempre brinquei com ela que minha mãe Chica é o “Forrest Gump” dentro da cultura brasileira. Minha avó foi funcionária de Anísio Teixeira, para quem meus pais trabalharam no recém fundado INEP nos anos 1950, mesma década da estreia dela no teatro, junto com Kelé, em “Orfeu da Conceição”, no Teatro Municipal, com Vinícius, Jobim, Abdias e Niemeyer. Estava com o Dream Team negro de “Assalto ao Trem Pagador”, enquanto trabalhava no serviço público com gente do naipe de Manoel Diegues e Darcy Ribeiro. Esteve no coro de Erlon Chaves defendendo “Quero Mocotó” no Festival da Canção no Maracanãzinho em 1970, e atuou em dezenas de novelas, dando corpo e alma a inúmeras personas negras, em especial a ialorixá Magé Bassã de “Tenda dos Milagres”. Não é de se estranhar que o título de sua mais recente biografia se intitule “Chica Xavier - Mãe do Brasil”, pois sua imagem sempre acolheu e ilustrou o povo brasileiro em todas suas camadas, a partir de sua baianidade.

Que primeira memória associa Chica Xavier e cinema?

Com certeza a sua única cena em “Assalto Ao Trem Pagador”, contracenando com meu pai Clementino Kelé, que foi tão marcante, que fez o diretor Fábio Sabag lembrar dela em suas primeiras oportunidades de participações em novelas na TV Globo, o que foi o caso de sua participação em “Cabana do Pai Tomás”, que inaugurou sua carreira em telenovelas.

Que linha dramática desenha seu filme?

O filme trabalha algumas camadas de uma mulher baiana que migra para o Rio de Janeiro com as metas de se estabelecer e trazer sua mãe de Salvador, estudar para ser atriz, e conhecer seu pai. Essa história apresenta a mãe que, mesmo com as demandas da atriz e do serviço público, traz a família, a religiosidade e a política no mesmo peso.



RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Francisca Xavier Queiroz de Jesus (1932-2020) é viva. Vive na saudade da gente, na memória das lutas decoloniais do Brasil, nos acervos da TV, nas recordações das batalhas do povo preto deste país para ser respeitado e... agora... viverá lindamente na programação do Festival do Rio 2026, como personagem (e força vital) de um documentário dirigido por seu filho. Agendado de 1º a 11 de outubro, a maratona cinéfila carioca terá Clementino Junior em seu rol de vozes autorais – e nem poderia ser diferente, dada sua vastíssima (e potente) produtividade como diretor.

Ele pede bênção à sua figura materna... que carrega em sua persona um alto grau de maternidade em relação a toda esta nação... no filme “Amor e Fé: Chica Xavier”. Já, já, será anunciada a programação do evento, com as salas e horários da projeção dessa carta de amor.

Atriz do mais alto quilate dramático, Chica nasceu em Salvador, em 22 de janeiro de 1932. É baiana de Oyá. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1953, onde se tornou um ícone do teatro, cinema e televisão, consagrando-se como símbolo de representatividade para gerações de atores e atrizes negros. Passou pelo “Orfeu da Conceição”, em 1956, de Vinícius de Moraes, e seguiu. Debutou nos palcos ao lado de Clementino Kelé, com quem permaneceu casada por umas seis décadas. Clementino Junior é testemunha desse amor.

Realizador de joias como “Romão” e “Curai-vos”, Clementino contabiliza hoje 36 filmes em seu currículo. “Amor e Fé: Chica Xavier” é o seu terceiro longa documental, antecedido de “Anjo de Chocolate”, de 2013, e “Trem do Soul”, de 2021. É professor na PUC-Rio, formando cabeças com sua mirada inclusiva, carioquíssima. “Nasci e vivo até hoje (fora um intervalo de dois anos que passei em Moçambique) no Humaitá, no covão do Cristo”, diz o cineasta e educador, que, em entrevista recente ao Correio da Manhã, celebrou a relevância do Festival do Rio pro povo desta cidade. “Foi onde descobri, em sessões de filmes orientais e africanos, outras narrativas além das hegemônicas”. Agora, uma vez mais, o Redentor, o signo da Première Brasil, abre seus braços para sua estética e para Chica Xavier. O papo a seguir é sobre ela e seu legado.

De que maneira as narrativas as narrativas audiovisuais têm sido essências às lutas decoloniais do país?

O Brasil se vangloria de uma diversidade que não se percebe plena em todos os setores, se não houver políticas públicas que as garantam. Quando trago a Chica Xavier, que

atuou como conselheira da Fundação Palmares, com outros grandes nomes do Movimento Negro, na preparação do que veio a ser a Lei 10639/03 (Lei pelo ensino de his-

tória e cultura afro-brasileira), ainda antes do primeiro governo Lula, venho desmistificar a imagem construída de atrizes que quase sempre apareciam em papéis subservientes, ou personagens sem histórico ou agência. Tento trazer luz para o seu protagonismo nos bastidores da História. A geração das “Damas Negras” - Chica Xavier, Ruth de Souza, Lea Garcia, Zezé Motta e todas as suas contemporâneas – contribuíram para além das telas. Se hoje temos mulheres negras transformando a cadeia audiovisual, as pioneiras plantaram muitas sementes para que as de hoje colhessem os frutos.

Que novos filmes você tem para lançar além do .doc sobre ela? Que outros curtas e longas estão em andamento?

Ainda em novembro lançarei um curta-metragem de “humor negro” chamado “Branco”, fruto do edital SESC Pulsar, onde falo de saúde mental e pressão por produção e visibilidade de autores negros na cadeia do audiovisual e, para 2027, tenho o longa híbrido “Chão de João”, codirigido por Márcio Januário, onde quatro atores constroem e buscam identidade em quatro personalidades afrodescendentes e gays da história: João do Rio, Joãozinho da Gomeia, Joãozinho Trinta e Madame Satã. Por enquanto, são os projetos prestes ao lançamento.

Em que momento você sentiu que o cinema é a sua forma de expressão?

Na época do vestibular, virada dos anos 1990, abri mão de cursar cinema para cursar design, pensando em me tornar quadrinista. O curso me desestimulou ao desenho, mas me apresentou parceiros de vida como Marão, dentre outros animadores, com quem me iniciei no audiovisual a partir da animação. Através dessa linguagem, realizei meus três primeiros curtas, dos 36 filmes que lancei de maneira independente e, majoritariamente, autofinanciados. Hoje me vejo como o professor (que nunca cursou Cinema) da práxis e da experimentação que faz filmes nas “horas vagas”, mas não deixa de expressar ou condicionar seus desejos aos editais. Meus filmes são minhas pegadas neste plano.

‘Mulher Desconhecida’... E PREMIADA

Única mulher na disputa pelo Leão de Ouro, a realizadora dinamarquesa May el-Toukhy leva o prêmio numa celebração à resiliência feminina



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Até sábado, quando “Woman Unknown” (“Kvinde Ukendt”), da dinamarquesa de origem egípcia May el-Toukhy, foi anunciado como o ganhador do Leão de Ouro de Veneza, o placar dos grandes festivais da Europa registrava uma onipresença masculina. Devon Delmar e Jason Jacobs venceram Roterdã com “Variations on a Theme”, pela África do Sul. A Berlim fez do turco-alemão Ilker Çatak seu vencedor, com “Yellow Letters”. Cannes foi do romeno Cristian Mungiu e seu devastador “Fjord”. E em agosto, o Leopardo de Ouro de Locarno rugiu para Florin Serban, também da Romênia, e seu “You Don’t Belong Here”. Mais do que bagunçar um cenário cheio de testosterona, a consagração de May despontou como um gesto político... e bem afinado às lutas feministas.

O seu filme era o único da competição veneziana em 2026 a ter uma mulher na realização. A cineasta, conhecida por “Rainha de Copas” (2019), celebrou ainda uma láurea de peso dada à sua protagonista, Mathilde Arcel: a estatueta de Melhor Atriz.

No passado, quem ganhava o Leão não podia receber mais nenhum mimo do júri oficial. Não por acaso, quando Darren Aronofsky ganhou o cobiçado felino por “The Wrestler – O Lutador”, em 2008, o presidente do júri, Wim Wenders, determinou que o prêmio deveria ser repartido entre o cineasta vencedor e seu astro-rei, Mickey Rourke, pois foi o ator quem levou o longa à consagração. Este ano, o cenário na terra das gôndolas foi outro. Os tempos mudaram. Quem guiou a mudança foi a atriz e diretora Maggie Gyllenhaal. Ela anunciou a premiação, que definiu em sintonia com a esquadra de juradas e jurados da qual era a comandante. Ao lado dela, nas deliberações, estavam quatro cineastas (a tunisiana Kaouther



Mathilde Arcel conquista a Copa Volpi de Melhor Atriz por ‘Woman Unknown’

PREMIAÇÃO DE VENEZA EM 2026

Leão de Ouro: “Woman Unknown” (“Kvinde Ukendt”), de May el-Toukhy

Grande Prêmio do Júri: “Amor Possível”, de Lee Chang-dong

Prêmio Especial do Júri: “Naza”, de Rachel Szor e Yuval Abraham

Prêmio de Direção: Ilya Khrzhanovsky, por “DAU”

Copa Volpi de Melhor Atriz: Mathilde Arcel, por “Woman Unknown”

Copa Volpi de Melhor Ator: John Malkovich, por “Cavalo Selvagem Nove”

Prêmio Marcello Mastroianni de Intérprete Revelação: Malou Khebizi, por “15/18”

Melhor Roteiro: Coralie Amedeo, Stéphane Brizé e Olivier Gorce, por “Un Bon Petit Soldat”

Prêmio da Crítica FIPRESCI: “Amor Possível”, de Lee Chang-dong

Queer Lion: “London”, de Victor Di Marco e Márcio Picoli

Prêmio da mostra Horizontes: “Un Détour Par Diane”, de Ann Sirot e Raphaël Balboni

Prêmio Luigi De Laurentiis de Melhor Filme de Estreia: “La Maison du Vent”, de Bernard Auguste Kouemo Yanghuric

Ben Hania, o francês Xavier Gianoli, a afegã Shahrbanoo Sadat e o diretor de Hong Kong Johnnie To), o compositor britânico Daniel Blumberg e o pesquisador italiano Francesco Casetti.

A aposta dessa turma, “Mulher Desconhecida” (“Woman Unknown” em tradução livre), é uma coprodução entre a Dinamarca, a Suécia e a Letônia. O enredo filmado por May se passa em solo dinamarquês imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente no clima explosivo da libertação de maio de 1945. Marie (Mathilde Arcel) é uma jovem babá

e empregada doméstica prestes a se casar com Christian (Carsten Bjørnlund), o rico e mais velho viúvo para quem trabalha. O casamento promete não apenas segurança, mas uma brutal mudança de classe social: de criada, Marie poderá transformar-se na senhora da casa. Só que existe um passado que ela precisa esconder. Durante a ocupação nazista da Dinamarca, Marie manteve uma relação íntima com um soldado alemão. Quando a guerra termina, o entusiasmo popular com a libertação rapidamente assume também a forma de vingança.

“O que está em questão aqui é o

corpo feminino”, disse a realizadora, com o Leão em punho.

Antes de May fazer História, Maggie outorgou o Grande Prêmio do Júri ao longa que era tratado como “o” favorito — e ainda levou o Prêmio da Crítica FIPRESCI: “Amor Possível” (“Possible Love”). Programado para estrear na Netflix no dia 6 de novembro, o exercício narrativo mais recente do artesão autoral sul-coreano Lee Chang-dong acompanha as relações entre dois casais que seguem caminhos sociais distintos e precisam lidar com desejos até então ocultos. Mi-ok (Jeon Do-yeon) leva uma vida modesta ao lado do marido desempregado, Ho-seok (Sul Kyung-gu), e do filho pequeno, Cheol. Um funeral, porém, coloca a família no caminho de Ye-ji (Cho Ye-jeong), documentarista dedicada a registrar a realidade de trabalhadores demitidos, e de seu marido, Sang-woo (Zo In-sung), cuja vida abastada contrasta radicalmente com a deles. Quando Mi-ok aceita participar das filmagens do documentário, aproxima-se de Ye-ji e começa também a sentir uma desconfortável atração pelo indecifrável Sang-woo. Os mundos dos dois casais começam a se misturar, expondo fissuras afetivas.

Ganhadores do Oscar por “Sem Chão” (2024), Rachel Szor e Yuval Abraham uniram forças novamente para escancarar as dores da Palestina em “Naza”, que assegurou à dupla o Prêmio Especial do Júri de Veneza, uma espécie de medalha de bronze. Filmado à noite, dos telhados de Tel Aviv, este documentário investigativo examina as vítimas civis das ope-

rações militares de Israel em Gaza e os sistemas por trás dos assassinatos seletivos de palestinos.

Depois de premiar a atuação de Mathilde Arcel, Maggie & Cia. dedicaram todo o simbolismo de excelência da Copa Volpi de Melhor Ator a coroar o veterano John Malkovich. Ele estava no Canadá na hora em que seu nome foi ovacionado no palco de Veneza. Malkovich venceu por “Cavalo Selvagem Nove”, no papel de um veterano agente da CIA enviado ao Chile de Salvador Allende, em 1973. Fala-se já em Oscar para ele.

O cinema russo não foi esquecido por Maggie. Ilya Khrzhanovsky, um cineasta dedicado a inventariar as cicatrizes da URSS, voltou à ribalta com “DAU” e saiu coroado com o troféu de Melhor Realização. Dedicou a conquista à coragem e à resiliência do povo da Ucrânia. A ação de seu filme, apelidado de “O ‘Oppenheimer da Rússia’ se desenrola, em grande parte, dentro de um instituto soviético de pesquisa fechado, onde a hierarquia científica, os privilégios e a vigilância constante determinam a existência cotidiana. A narrativa vai de 1928 a 1968.

No terreno do Melhor Roteiro, ganhou “Un Bon Petit Soldat”. Nele, o diretor Stéphane Brizé, coautor do script, põe a plateia nos calcanhares de Carla Moretti, uma executiva de 43 anos, recém-recrutada como gerente de RH de uma seguradora, encarregada de reconstruir sua marca em um ambiente corporativo onde a vulnerabilidade não é um ativo.

Na seção paralela Horizontes, venceu “Un Détour Par Diane”, de Ann Sirot e Raphaël Balboni, um drama belga sobre a relação de uma jovem e sua mãe em meio à memória de um estupro. Na Semana da Crítica veneziana, a Settimana Internazionale della Critica, houve uma láurea simbólica para o Brasil: o Queer Lion, um troféu que combate a homofobia e a transfobia, foi confiado ao sinestésico longa gaúcho “London”, de Victor Di Marco e Márcio Picoli.

Identificado pela sociedade como PCD, por ter problemas com a produção de dopamina, o jovem London (vivido por Di Marco) passa por uma fase de tormenta. Um exame médico lhe oferece a possibilidade de descobrir a origem e o destino de sua deficiência.

Paralelamente aos feitos de Veneza, desde a quinta-feira passada, as atenções do planisfério cinéfilo estão de butuca ligada no TIFF, o Festival de Toronto, onde há Brasil, representado por “Vicentina Pede Desculpas”, do mineiro Gabriel Martins, o Gabito, conhecido por “Marte Um” (2022). O longa de Minas se habilita, na sequência de sua passagem pelo Canadá, a disputar os prêmios do Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, que abre suas atividades nesta sexta-feira. Alice Braga está no júri oficial da disputa pela Concha de Ouro.

‘A Pele Morta’ abre os trabalhos do Festival de Brasília

Drama narra viagem de protagonista indígena com histórias de identidade



Noite de estreia com homenagem à atriz Julia Lemmertz

“A gente precisa seguir contando histórias e preservando memórias”

JULIA LEMMERTZ



Divulgação

REYNALDO RODRIGUES

Depois de quase ser cancelado, o Festival de Brasília, o mais antigo e tradicional do país, deu início à sua 59ª edição. O filme “A Pele Morta” foi um dos destaques na noite de abertura, que começou na última sexta-feira (11), no Cine Brasília. Dirigido pelos irmãos Denise Moraes e Bruno Fatumbi Torres, com produção de Solange Moraes e roteiro de Daniel Tavares, a história conta a trajetória de um caminhoneiro (César Troncoso) e seu ajudante (Luan Iturbe), um jovem rapper guarani-kaiowá.

Ao percorrer estradas que atravessam o Brasil e o Paraguai, a dupla dá carona a Rosario, personagem interpretada pela atriz paraguaia Ivana Gomez. A partir desse encontro, a trama se desenvolve pela convivência entre os três, marcada pela solidariedade e pelas buscas individuais de cada personagem.

Outro destaque da noite foi homenagem à atriz Julia Lemmertz. Ela foi agraciada com o Troféu Candango de Conjunto da Obra. Na ocasião, Julia falou da importância do festival e do fazer cinema. “A gente precisa seguir contando histórias e preservando memórias”. Em sua fala agradeceu a Jorge Durán, diretor de Cor do Seu Destino (1986), pelo qual foi premiada.



Divulgação

Trecho do filme dirigido por Denise Moraes e Bruno Fatumbi Torres

Mostra Competitiva Nacional apresenta sete longas e 12 curtas

‘Delegado’ tem o primeiro olhar do público

Série produzida por Kleber Mendonça Filho teve três episódios exibidos no Festival

A série “Delegado” foi exibida no último sábado (12), na Sala Vladimir Carvalho, no Cine Brasília, durante o 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O público acompanhou três episódios da produção, que tem estreia prevista para 30 de outubro no Canal Brasil e na Globoplay. Dirigida pelos pernambucanos Marcelo Lordello e Leonardo Lacca, a série tem produção de Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux. A exibição também marcou o reencontro dos realizadores com o festival. Em 2007,



Johnny Massaro estrela a série ‘O Delegado’

Lacca recebeu o Candango de melhor direção pelo curta-metragem “Décimo Segundo”. Lordello também já participou da programação competitiva com longas e recebeu o Candango de melhor longa de

ficção por “Eles Voltam” (2012), seu primeiro trabalho no formato.

Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux, à frente da Cinemascope, também mantêm uma trajetória ligada ao Festival de Bra-

sília. No ano passado, “O Agente Secreto” foi exibido na abertura da 58ª edição do evento e recebeu destaque na programação.

“Delegado” tem Johnny Massaro no papel-título e reúne outros nomes do cinema e da televisão em personagens e participações especiais. Entre eles estão Alice Carvalho, Rubens Santos, Hermila Guedes, Virgínia Cavendish, Igor de Araújo, Narcival Rubens, Georgette Fadel, Nataly Rocha e Tânia Maria.

A sessão integrou o Ambien-

te de Mercado do festival, espaço voltado à apresentação de produções inéditas e à aproximação entre realizadores e profissionais do setor audiovisual. A iniciativa busca estimular novas parcerias, contratos e possibilidades de circulação para as obras.

A programação do 59º Festival de Brasília também teve início com a Mostra Competitiva Nacional, principal espaço de disputa do evento, que reúne produções brasileiras selecionadas para a edição deste ano.

CRÍTICA DISCO | HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO 90

POR **AQUILES RIQUE REIS***

Hoje é dia de festa! Trataremos de “Hermínio Bello de Carvalho 90” (Biscoito Fino), álbum que está comemorando os noventa anos de vida de um Poeta maior, com P maiúsculo. Generoso, Hermínio é um descobridor de amigos, mantendo todos sempre junto a si, num gigantesco abraço.

Com oito composições escritas com seus parceiros de fé, o CD permitiu ao Poeta expressar a volúpia de sua pena diversa, sempre atizada pela criatividade. Numa seleção tão circular quanto a sua trajetória que não se repete, a música de Hermínio flui como as noites sucedem os dias. Vamos ao trabalho que pode ser ouvido em <https://11nq.com/0le2w78>.

“De Nada Valeu” (Simone e Hermínio Bello de Carvalho) é cantada docemente por Simone. O acordeom soa igualmente delicado, e os versos do poeta ardem o amor em fogo brando, afastando-o do coração: “Se nada valeu a pena/ Do que se amou/ Se não basta ao coração/ O preço que ele pagou/ Ou não foi suficiente/ Crucificar todo o corpo (...)”. “Carrapicho” (Frejat e Hermínio Bello de Carvalho): o ritmo acentua a melodia. O violino flui ao sabor da percussão, enquanto Frejat empresta sua voz marcante aos versos do Poeta que açulam a paixão. “Igual ao Que Não Foi” / “Catando Estrelas” (Hermínio Bello de Carvalho e Vital Lima): Vidal inicia o canto com o seu violão, mas logo a gigantesca Áurea Martins,



Fotos/Divulgação

Hermínio é um descobridor de amigos, mantendo todos sempre junto a si, num gigantesco abraço como neste álbum primoroso

As noventa vidas do Poeta

com seu timbre inigualável, cintila como os versos do Poeta. “Las Hormigas” (poema de Hermínio Bello de Carvalho): o Poeta declama os versos que são o que de fato

ele é, um senhor da palavra: “Eu não acabo aqui, mas ali adiante/ Além das fronteiras onde os muros não têm cercas de arame farpado (...)”. “Cabernet Sauvignon” (Vidal As-

sis e Hermínio Bello de Carvalho): quem canta, acompanhado pelo violão de João Camarero, é o ótimo Ayrton Montarroyos. E assim, tudo que o Poeta representa encanta o ouvinte. “Jogo Empatado” (Kiko Horta, Vidal Assis e Hermínio Bello de Carvalho) é samba de responsa que rola pela voz de Gabi Buarque: “Venha ao seu jeito/ Ou como bem lhe aprouver/ Mas, por favor, não me apoquente/ Pois assim não vai dar pé (...)”. “Dia Sim, Dia Não (Gabriel Lemuriano e Hermínio Bello de Carvalho): Simone canta, o Poeta proclama. O acordeom se dá a ela – uma das maiores cantoras que temos! “Como Se Faz? (Vidal Assis e Hermínio Bello de Carvalho) fecha a tampa. O duo Simone e Vidal

Assis traz o samba: “(...) quando é que se faz?/ A vida é que manda os sinais/ Como a ruga nas mãos/ E os cabelos brancos/ Como os trovões e os raios/ Rompendo os novelos do céu (...)”.

Hermínio querido, te admiro!

Ficha técnica

Idealização e seleção de repertório: Hermínio Bello de Carvalho; produção musical: Vidal Assis; coordenação de produção: Olhar Brasileiro; produção executiva: Luiz Boal e Vidal Assis; capa: Mello Menezes; mixagem e masterização: Lucas Ariel (com exceção da faixa “Carrapicho”, mixada por Frejat e Renato Muñoz).

***Vocalista do MPB4 e escritor**

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**



Divulgação

Celebração dançante

Héloa lança “Dança N’kisi Dança”, primeira faixa de seu próximo álbum, “Árida” em parceria com Luedji Luna e o cantor, rapper e compositor angolano Liu Kid. Com direção musical de Héloa e Yuri Queiroga, a canção combina afrobeat, ijexá e ritmos de matrizes africanas em uma celebração dançante da conexão Brasil-Angola. O encontro retoma a parceria de Héloa e Luedji, artistas ligadas a terreiros, e evidencia a herança angolana presente na língua e na cultura brasileiras.



Divulgação

Wilson Moreira sempre!

Marina Iris lança “Nãna”, composição de Wilson Moreira que antecipa o álbum “Banzo Batucada — Marina Iris Canta Wilson Moreira”, previsto para 25 de setembro pela Biscoito Fino. O projeto homenageia o compositor, que completaria 90 anos em dezembro, e reúne participações de Teresa Cristina, Jorge Aragão, Nei Lopes e Zeca Pagodinho. Com arranjo de Jota Moraes a faixa evoca a riqueza melódica da obra de Moreira e introduz um disco que também trará duas canções inéditas. O single está já pode ser ouvido nas plataformas.



Divulgação

Raízes alternativas

Saudade, projeto solo do cantor e compositor fluminense Saulo von Seehausen, lança “Cada passo é uma montanha”, novo single do álbum “Travessia”. A faixa, lançada pelo selo Saudade Rec em parceria com a Virgin Music, acentua a vertente mais pesada do trabalho e reconecta o músico ao rock alternativo e ao emo dos anos 2000. Produzida por André Ribeiro, a canção chega com visualizer dirigido por Cassiano Geraldo. Petropolitano radicado em São Paulo, Saulo assina composição, violões e guitarras. Já disponível nas plataformas digitais.

A nova casa de Raduam Nassar

Com cinco anos de estrada, Editora Fósforo passa a publicar a obra do escritor e promete textos inéditos, além de audiolivros, volumes analíticos e cursos gratuitos

WALTER PORTO

Folhapress

A Fósforo é a nova editora de Raduam Nassar, um dos maiores nomes da literatura brasileira. O contrato acaba de ser tornado público, seis meses depois do desligamento do autor da Companhia das Letras, casa que o editava desde a década de 1980.

A editora promete, a partir de 2027, publicar novas edições dos três livros do vencedor do prêmio Camões: os romances “Lavoura Arcaica” e “Um Copo de Cólera” e a coletânea de contos “Menina a Caminho”.

E acrescenta, na nota enviada à reportagem, que lançará escritos inéditos e volumes de textos publicados pelo autor na imprensa, mas nunca reunidos em livro.

É o investimento de maior vulto da Fósforo, editora de cinco anos de estrada com tino voltado a ciência e não ficção, em um projeto de literatura brasileira até aqui.

“É com honra e alegria que assumimos a tarefa de abrir um novo ciclo editorial para a obra de Nassar”, diz Rita Mattar, uma das sócias da Fósforo. “O desafio da empreitada está à altura da grandeza de sua literatura e do trabalho extraordinário realizado pela Companhia das Letras ao longo de décadas, tanto no Brasil quanto no exterior.”

“É uma oportunidade inimaginável para uma editora jovem como a Fósforo”, afirma Fernanda Diamant, a outra sócia-fundadora da casa. “Vamos trabalhar sem descanso para promover o encontro de mais leitores com esse escritor imenso que é Raduam Nassar.”

Nos planos da editora ainda estão novos audiolivros, volumes analíticos sobre a obra de Nassar e a organização de cursos gratuitos e clubes de leitura em torno do escritor de “Pindorama”.

Desde o rompimento de Nassar com a Companhia, cujos motivos nunca foram tornados públicos pelo escritor recluso - que tinha parceria com o editor Luiz Schwarcz desde sua época de Brasiliense, nos anos 1970 -, a Fósforo vinha tentando fechar contrato para ser sua nova casa.

Agora, a editora promete trabalhar na rerepresentação de Nassar a



A nova editora de Raduam Nassar quer apresentar o autor em toda sua radicalidade



“Lavoura Arcaica”, a mais conhecida das obras de Raduam Nassar, ganhou adaptação para o cinema pelas lentes do realizador Luiz Fernando Carvalho tendo Selton Mello em seu elenco

uma nova geração de leitores - não como um clássico, mas como um autor radical e contemporâneo, nas palavras do professor Augusto Massi, que integra o conselho editorial montado pela Fósforo para cuidar da obra do autor.

Além de Massi, que é professor da Universidade de São Paulo, compõem o conselho a crítica Rita

Palmeira, hoje curadora da Festa Literária Internacional de Paraty, o escritor e pesquisador Estevão Azevedo, especialista na obra de Nassar, e Messias Barboza, assessor do escritor nonagenário.

Azevedo aponta que, além de tomar parte em decisões de publicação, o conselho vai colaborar com a “organização do conjunto de docu-

mentos, fotos, manuscritos e periódicos que Raduam vem reunindo ao longo de décadas”.

O cineasta Luiz Fernando Carvalho, que dirigiu a aclamada adaptação de “Lavoura Arcaica” em 2001, trabalha em outros dobramentos audiovisuais da obra de Nassar, incluindo de um texto inédito chamado “As Três Batalhas”.

“Vamos trabalhar sem descanso para promover o encontro de mais leitores com esse escritor imenso que é Raduam Nassar”

FERNANDA DIAMANT

CRÍTICA RESTAURANTE

PECORINO TRATTORIA

Promete tradição e entrega linha de montagem

PRISCILA PASTRE
Folhapress

A conta, por favor.” O que se seguiu a esta frase no Pecorino Trattoria da Vila Leopoldina durante um almoço de domingo foi ligeiramente constrangedor. O garçom respondeu: “Claro! Mas antes avalia a gente no Google que o café sai de graça”.

Foi quando notei que o QR code no display em cima das mesas não era para abrir a versão digital do cardápio. Em letras grandes, anunciava: “Ganhe um café expresso”. Embaixo, um pouco menor: “Após nos avaliar no Google”. E numa fonte minúscula, no pé da plaqueta, completava: “Após a avaliação, mostre ao garçom e receba seu café”.

Então peguei o celular. Não para responder o questionário e ganhar a bebida. Mas para ver a nota daquela unidade do Pecorino (que é uma rede com muitas lojas



O molho à bolonhesa que acompanhava o penne não tinha a sedosidade necessária e a massa chegou escorregadia, provavelmente pré-cozida

espalhadas na cidade) no Google. Das últimas 20 avaliações, nada menos que 18 davam a nota máxima: cinco estrelas. As outras duas não ficavam muito atrás: quatro estrelas. Algumas traziam elogios à comida, ao ambiente e ao serviço. Nada exatamente condizente com as visitas que fiz.

O primeiro prato que provei foi um penne à bolonhesa (no cardápio, está como nhoque, mas a casa gentilmente substituiu a receita por penne à pedido do meu acompanhante; R\$ 69). A massa chegou em menos de cinco minutos, e a textura sugeria que havia sido pré-cozida. Escorregadia, ela não aderiu ao molho. Este, por sua vez, era de tomate com carne moída, sem o sabor concentrado e a sedosidade que se espera de um bom bolonhesa.

Pedi também o ravióli verde recheado com muçarela de búfala (R\$ 74). Simples e com recheio na medida, a massa combinou com o molho rústico de tomate e manjericão. Mas mantinha a característica escorregadia na língua. Como a porção não satisfaz, se optar por ele é melhor pedir uma entrada antes.

O fettuccelle ao ragu di agnello (R\$ 78) foi a melhor escolha da refeição, apesar de o nome não ser condizente com a receita. No lugar do ragu (um preparo encorpado, em que a carne desmancha com o cozimento lento), o que chega é um molho de tomate com a carne de cordeiro em pedaços. Apesar disso e de faltar sal, o agnello estava macio, e o cozimento da massa, que

lembra um fettuccine um pouco mais estreito, estava correto.

O tiramissu (R\$ 22) foi um desastre. Em vez da sobremesa italiana macia e cheia de nuances, o garçom trouxe um bloco congelado, montado com o que parecia ser sorvete de creme. A única coisa que remetia ao doce era a camada do meio, de bolacha champanhe embebida em café. Muito doce, não deu para passar da segunda colherada.

Nas duas visitas, famílias ocupavam algumas das mesas do grande salão. Na chegada dos pedidos, os garçons oferecem queijo à vontade ralado na hora, naquele esquema de só parar quando o cliente avisar. Na parede, uma TV passa em looping cenas com as receitas da casa, talvez com a intenção de abrir o apetite.

Quando a rede se vende como tradicionalmente italiana, o que vem à mente é uma cozinha artesanal. Na prática, parece seguir uma lógica industrial, próxima a uma linha de montagem. Ingredientes pré-prontos à espera de serem combinados no seu prato e mandados ao salão.

Com ritmo de fast-food e preparos padronizados, o Pecorino Bar & Trattoria é um lugar para comer rápido e ir embora - de preferência, sem dar cinco estrelas em uma avaliação no Google em troca de um café.

SERVIÇO
PECORINO BAR & TRATTORIA
R. Passo da Pátria, 1.679, Vila Leopoldina, São Paulo

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR AFFONSO NUNES



Vem aí mais um Bistrô Sesc

O Sesc RJ prepara a abertura, em outubro, do novo Bistrô Sesc Serrador, no 22º andar do Edifício Francisco Serrador, na Cinelândia, hoje um dos anexos da Câmara Municipal. Com vista panorâmica para a Baía de Guanabara, o espaço reunirá café da manhã, almoço, happy-hour às quintas e programação cultural, além de funcionar como ambiente de formação prática para alunos e egressos do Senac RJ. Os pratos executivos terão salada de entrada e sobremesa ou café. O menu da casa será divulgado em breve.



Novos menus em Ipanema

O D'Praça, restaurante de cozinha italiana contemporânea no coração de Ipanema, passou a abrir às segundas e renovou os menus executivo e à la carte. No almoço, de segunda a sexta, a casa serve entrada, prato principal e sobremesa por R\$ 119. Entre as novidades estão agnolotti recheado de costela, lasanha de cordeiro, rigatoni com guanciale e polvo e peixe do dia grelhado no Jospier. A acrta de vinhos da casa, com cerca de 450 rótulos, oferece opções adequadas de harmonização para todos os bolsos. Rua Barão da Torre, 358.



Entre palavras e versos

O Verso Café abriu uma segunda unidade na Livraria da Travessa do BarraShopping, reunindo café especial, vinhos brasileiros e gastronomia de inspiração mediterrânea com insumos nacionais. O local, projetado por Bel Lobo, é dos sócios responsáveis por Pabu Izakaya, Maria e Boi, Koba Izakaya e Baduk. No menu, há bife à parmegiana com queijo Canastra, rigatoni gratinado e cafés coados no V60. A casa também oferece serviço de brunch. Avenida das Américas, 4666, loja 220, BarraShopping.

SEGUNDA **NO 2**por
**FERNANDO
MOLICA**

O Neguinho da Beija-Flor e do Rio de Janeiro

O cantor e compositor Neguinho da Beija-Flor é uma daquelas pessoas que desafiam o ar blasé de cariocas diante de personalidades. Ex-capital por quase 200 anos — da Colônia, dos impérios português e brasileiro, da república —, sede da então poderosa rádio Nacional, do Cassino da Urca, da Atlântida, da Cinédia e da Rede Globo, o Rio aprendeu a esbarrar com personalidades na praia, na rua, por aí.

Talvez até para não espantá-los, a cidade cultivou uma espécie de etiqueta em relação a tantos famosos, aprendeu a, dentro do possível, fingir indiferença e, assim, deixá-los mais à vontade. Nos tempos pré-internet e redes sociais, dizia-se que, caso tivesse vindo ao Rio, Charles Chaplin seria, no início, tratado com a devida deferência. Se prolongasse a temporada por mais de uma semana, receberia olhares tortos e motivaria comentários do tipo “Putz, lá vem aquele chato do Carlitos...”.

Há alguns anos, um banco exibiu um comercial em que Delegado, o grande mestre-sala de Mangueira, entrava em uma agência no Rio e despertava a atenção de todos. Dois paulistas que também estavam por lá não o reconheceram e se espantaram com o oba-oba em torno da senhor magro e elegante. Travam então um diálogo mais ou menos assim:

— Meu, quem é esse sujeito?

— Sei lá, mas pra carioca ter essa reação, deve ser muito importante.

Neguinho é um desses caras. Ao lado de sua parceira de tantos carnavais na Beija-Flor de Nilópolis, a porta-bandeira Selminha Sorriso, o maior dos intérpretes de escolas de samba desde Jamelão é uma figura capaz de parar os mais diversos ambientes do Rio, desde os mais humildes aos mais ricos.



Na estreia do musical, o ator Izak Dahora (que interpreta Neguinho) ao lado do homenageado

Cantor e compositor é homenageado em musical que estreou semana passada no Teatro João Caetano, no centro do Rio

É impossível ficar alheio a esse senhor de 77 anos, dono do que Roberto Carlos classificou de “maior sorriso do samba”. Ao longo de 50 anos, ele marcou presença nos desfiles da escola que, em 1976, mudou o Carnaval carioca com “Sonhar com rei dá leão”, enredo de Joãozinho Trinta embalado por um ótimo samba do próprio Neguinho.

Diferentemente do que ocorre com clubes de futebol, a rivalidade no samba é bem mais permeável. Os mais apaixonados torcedores de uma escola não deixam de aplaudir desfiles e reconhecer talentos das concorrentes. Ao longo dos anos, Neguinho passou a ser identificado como tradutor e intérprete do que o Rio tem de melhor. Personifica também os perrengues e sonhos da maioria de seus conterrâneos. Negro, nascido no Rio, na Casa da Mãe Pobre, criado em Nova Iguaçu, o cantor é dono de uma história improvável de sucesso.

Visto principalmente como a voz da Beija-Flor, tem como maiores sucessos um quase bolero, “Ângela” (“Negra Ângela...”), composição de Serginho Meriti e Carlos Alexandre, e “O campeão” — impossível ir ao Maraca sem cantarolar este hino que ele escreveu. Sinônimo de alegria rasgada, comoveu milhões de pessoas ao tornar público um câncer no intestino; o trata-

mento não o impediu de desfilar em 2009. Sua recuperação reforçou a nossa chance de dar improváveis voltas por cima.

Ativo na luta contra o racismo, gravou “Problema social”, de Guarã e Fernandinho (“Se eu pudesse/ eu não seria um problema social”) e “Menino de pé no chão”, de Helinho do Salgueiro e Jarbas de Souza. Nunca deixou de dizer de que lado está e o que representa.

O artista, que no ano passado pendurou o microfone da Beija-Flor, continua em forma, como mostrou no show que, no início do mês, fez no Teatro Rival. E, desde a semana passada, é personagem de “O Neguinho da Beija-Flor – Musical”, estrelado por Izak Dahora, dirigido por Luiz Antonio Pilar e escrito por Aydano André Motta. A montagem, que está no Teatro João Caetano, trata de sua vida, apresenta seus grandes sucessos, celebra a escola que lhe cedeu o sobrenome — olha o Neguinho do Rio de Janeiro aí, gente!